



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

ÉLIDA FERREIRA BERNARDO SANTOS

**ESTUDANTES NEGRAS NO CURSO DE MEDICINA DO RECÔNCAVO DA
BAHIA: A CONSTRUÇÃO DO PERTENCIMENTO ÉTNICO-RACIAL**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2017

ÉLIDA FERREIRA BERNARDO SANTOS

**ESTUDANTES NEGRAS NO CURSO DE MEDICINA DO RECÔNCAVO DA
BAHIA: A CONSTRUÇÃO DO PERTENCIMENTO ÉTNICO-RACIAL**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel (a) em Humanidades.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cláudia Cardoso Ferreira

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2017

ÉLIDA FERREIRA BERNARDO SANTOS

**ESTUDANTES NEGRAS NO CURSO DE MEDICINA DO RECÔNCAVO DA
BAHIA: A CONSTRUÇÃO DO PERTENCIMENTO ÉTNICO-RACIAL**

Aprovada em, 19 de dezembro de 2017.

Trabalho de conclusão de curso de graduação, modalidade projeto de pesquisa, apresentado a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Cláudia Cardoso Ferreira (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Profa. Dra. Cristina Teodoro Trinidad

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Profa. Dra. Maria Andrea dos Santos Soares

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
1.1	APRESENTAÇÃO DO TEMA	5
1.2	O CURSO DE MEDICINA NA UFRB	5
1.3	A MULHER NEGRA NO MERCADO DE TRABALHO	6
1.4	NEGRAS NO CURSO DE PRESTÍGIO SOCIAL	7
2	OBJETIVOS	8
2.1	OBJETIVO GERAL	8
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	8
3	REVISÃO DA LITERATURA	9
4	JUSTIFICATIVA	10
5	QUADRO TEÓRICO	11
6	METODOLOGIA	13
	REFERÊNCIAS	15
	ANEXOS	17

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA

A pesquisa que proponho neste projeto articula identidade negra e educação em um curso universitário de alto prestígio social¹. Trata-se de um estudo com foco sociológico nas trajetórias de algumas mulheres negras, estudantes do curso de medicina na Universidade Federal do Recôncavo Baiano - UFRB, campus de Santo Antônio de Jesus. O foco será dado às mobilizações ou não em torno da identidade negra dessas estudantes durante os anos de formação. Portanto, interessa saber se o pertencimento racial foi um marcador importante no sucesso e/ou fracasso acadêmico? Se a identidade negra foi mais ou menos aguçada durante o período de formação? Quando a identidade negra era mais mobilizada dentro ou fora do espaço da universidade?

1.2 O CURSO DE MEDICINA NA UFRB

O curso de medicina tem como principal objetivo a restauração e a manutenção da saúde, investindo no tratamento e na prevenção de doenças. Além disso, oferece conhecimentos para que o aluno possa promover a saúde e o bem-estar dos indivíduos, desde a infância até a velhice.

A criação da UFRB no recôncavo representou uma grande possibilidade de inclusão social e de promoção do desenvolvimento do interior do estado. Na busca por atender a esses desafios, a universidade em questão possui uma estrutura *multicampi*, formada por centros de ensino em diferentes municípios do Recôncavo e do Sertão baianos. Com 83,4% de estudantes autodeclarados negros e 82% oriundos de famílias com renda total de até um salário mínimo e meio, a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), hoje possui campus em seis cidades, com quase 8 mil estudantes dos quais a maioria, 64% são mulheres. Com 12 anos desde a criação, a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) vem mudando a vida da população nesta região do estado. (BRITO, 2016, p.36.)

¹ Prestígio é visto aqui como um termo sociológico para explicar o maior valor socialmente atribuído e compartilhado na sociedade em relação aos cursos e carreiras no ensino superior. Ver SOTERO, 2013.

1.3. A MULHER NEGRA NO MERCADO DE TRABALHO

Pela Pesquisa Nacional de Domicílios realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE realizada em 2009, as mulheres negras correspondiam a quase 25% da população brasileira. O que naquela época da 50 milhões de pessoas. A população de mulheres negras vem aumentando anos após anos, mas isso não quer dizer que tem nascido muitas mulheres negras, mas sim “que parece haver uma maior identidade, valorização e reconhecimento da população negra como tal”. Provavelmente essa maior identidade negra na população tem a ver com “a agenda da promoção da igualdade racial é institucionalizada na esfera governamental pela primeira vez na história do país” (MARCONDES et.al., 2013, p.19).

O censo mostrou que o maior número de pessoas que se autodeclararam pretas e pardas, compreendidas como negras, está nas regiões Norte e Nordeste. A população feminina no Norte do país era de 74,7% de negras e no Nordeste de 69,9%. Se olharmos por estados se pode identificar o Pará com 76,9%, o Amazonas com 76,5% e o Piauí com 76,1de negras (Ibid, p.20).

No geral as mulheres negras são as mais jovens da população feminina, pois segundo dados do IBGE,

Enquanto 42,6% das negras tinham até 24 anos, as mulheres brancas na mesma faixa de idade respondiam por 37,1%. No outro extremo, tem-se que as negras de 60 anos ou mais eram apenas 10,3% do total, enquanto as brancas alcançaram 14%. Apesar de ser uma diferença pequena, é possível levantar algumas hipóteses relacionadas aos maiores índices de violência enfrentados pelos (as) jovens negros(as) e pela maior dificuldade de acesso aos serviços de saúde e infraestrutura social por parte da população negra.² Isto significa, portanto, uma menor expectativa de vida para a população negra em comparação à branca (Ibid, p.21)

O lugar da mulher negra no mercado de trabalho ainda é nos espaços subalternos.

dados do IBGE revelam que, nos últimos anos a participação da mulher negra no mercado de trabalho cresceu. Entre 2003 e 2010, a partir do governo Lula, a participação de negros, nos quadros funcionais, aumentou de 23,4% para 31,1%. Nos cargos de supervisão, a evolução foi de 13,5% para 25,6%. Já no âmbito gerencial, a participação subiu de 8,8% para 13,2%. Entre os executivos, a proporção variou de 2,6% para 5,3%. Mas, no que tange aos salários, um homem negro ganha 30% menos do que um branco para executar as mesmas tarefas. As mulheres negras são ainda mais discriminadas no mercado de trabalho, mesmo que atualmente os avanços em relação às mulheres negras têm ganhado alguns espaços comparando com os anos anteriores (BANCARIOS RIOS, 2015).

As mulheres na maioria das vezes trabalham em áreas de cuidado com o outro, sendo educadora, enfermeira, psicóloga, assistente social, agente de saúde, cabeleireira, esteticista, doméstica, vendedora e várias outras profissões que tenham uma representação com a vida privada, à maternidade e ao cuidado. E dentro desses espaços a mulher negra tem um lugar de menor prestígio, sendo doméstica, cabeleireira, vendedora, doceira, técnica de enfermagem, auxiliar de educador, merendeira, etc. Observamos que esse ambiente de trabalho é sempre uma ação de cuidadora, relacionada ao trabalho doméstico.

As mulheres negras são vítimas do racismo e do sexismo, estão submetidas e possuem os piores indicadores em praticamente todas as áreas de trabalho. As negras têm mais dificuldades no acesso ao emprego, à ascensão profissional, e recebem, na média, salários inferiores aos homens e mulheres brancas e dos homens negros.

De acordo com o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), em 2007 a taxa de desocupação entre mulheres negras chegava a 12,4%, contra 9,4% entre mulheres brancas, 6,7% entre os homens negros e 5,5% entre os homens brancos. Já a renda média das mulheres negras era de R\$ 436, contra R\$ 649 dos homens negros, R\$ 797 das mulheres brancas e R\$ 1.278 dos homens brancos. (BANCARIOS,2015.)

As negras são discriminadas e dificilmente ocupam cargos de chefia e mesmo nas atividades de atendimento, é raro ver uma caixa negra nos bancos privados. Percebe-se que nos informativos, nas publicidades, campanhas, catálogos os negros estão em menos de 10% nesses informativos, ainda existe preconceito na hora de escolher atores para essas campanhas de mídia impressa e conseqüentemente traz de fato um conflito e indignação social.

1.4 NEGRAS NO CURSO DE PRESTÍGIO SOCIAL

Os cursos mais competitivos em geral têm menos pessoas pretas e pardas. Portanto, é comum ver as pessoas negras (pretas e pardas) ocupando os cursos de licenciatura e os de baixa demanda. São eles: Arquivologia, Biblioteconomia, Ciências Sociais, Educação Física, Filosofia, Física, Geografia, História, Letras, Matemática, Música, Pedagogia, Secretariado Executivo, Serviço Social, Teatro e Turismo (RISTOFF, 2014, p. 732).

Quando se observa a classe social a que os estudantes dos cursos em que predominam brancos, observa-se uma discrepância entre eles e a realidade econômica encontrada na sociedade mais ampla. Ristoff, ao analisar um curso de Medicina constatou que é possível encontrar estudantes seis vezes mais ricos que a média da população brasileira:

Nota-se igualmente que 14% dos estudantes de Medicina vêm de famílias com faixa de renda de mais de 30 salários mínimos mensais, enquanto História e Pedagogia têm representação próxima de zero nesta mesma faixa de renda. Percebe-se, por fim, que é expressivo o contingente de estudantes do grupo de até 3 salários mínimos e da larga faixa de 3 até de 10 salários mínimos, deixando claro que é grande o número de estudantes que teriam dificuldades de se manter no campus a menos que robustas políticas de permanência não estivessem sendo postas em prática” (RISTOFF, 2014, p. 737).

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

- Analisar o processo de construção da identidade racial entre as estudantes negras do curso de medicina da UFRB.

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar comportamentos/ signos da identidade negra auto-afirmativa no cotidiano das estudantes;
- Analisar narrativas de empoderamento feminino;
- Verificar o desenvolvimento das mulheres no campo acadêmico;
- Destacar quais os estereótipos são impostos pela sociedade mediante a atuação da mulher negra nessa área.

3 REVISÃO DA LITERATURA

O estudo de Edilza Sotero publicado em 2013, com o título **“Transformações no acesso ao ensino superior brasileiro: algumas implicações para os diferentes grupos de cor e sexo”** teve como objeto a “situação das mulheres negras no ensino superior” e investigou o lugar estas se encontravam no “referido nível de ensino, bem como “sua posição em relação aos demais grupos que compõem a comunidade acadêmica brasileira.” (SOTERO, 2013, p.37)

Sotero a partir de diversos dados mostrou que desde os anos 1970 vem ocorrendo uma expansão do ensino universitário com um ápice dos anos 1990 em diante. Esse fenômeno não ocorreu só no Brasil e é muito estudado porque o que acontece é a ampliação do ensino universitário privado, fenômeno chamado de *mass private sector* (GEIGER, 1986 apud SOTERO, 2013).

Sotero também concluiu que “as desigualdades raciais não estão diminuindo, a despeito do crescimento absoluto das taxas” (Ibid. p.40), já que na população brasileira em geral os números do acesso ao ensino superior não chegam a 30% para taxa líquida, ou seja, os números de matrícula no ensino superior entre a população em idade para tal. Esses dados quando separados por gênero e raça indicam mais desigualdades, pois mulheres brancas alcançam 23,81%, os homens brancos 18,7%, as mulheres negras 9,91% e os homens negros 6,76% conforme dados de 2009. A autora destaca o que outros estudos confirmam: “origem familiar, local de moradia, faixa etária e renda, entre outras, são cruciais para compreender como se reproduzem as desigualdades educacionais” (Ibid., p.4).

As análises da estudiosa podem me ajudar a compreender melhor a realidade das estudantes que almejo estudar, pois apesar de elas estarem em um curso de alto prestígio social são negras e provavelmente de origem pobre, às vezes as primeiras mulheres a ingressar na universidade então é preciso compreender como essa inserção se dá e o impacto de tudo isso.

Quando o assunto é mulher negra no curso de medicina, não nos deparamos com muitos textos que trata do mesmo. Trata-se de tema com poucos autores. O artigo sobre a seguinte temática: **“Quando a raça conta: um estudo de diferenças entre mulheres brancas e negras no acesso e permanência no ensino superior”** tem como foco examinar as diferenças entre mulheres negras e brancas no ensino superior no Brasil, em dados coletados na Universidade Federal Fluminense - UFF. No trabalho se discute as razões pelas quais negros e brancos ocupam diferentes posições na hierarquia acadêmica.

A análise constatou que as estudantes negras só não estão nos cursos de turismo, física e ciências da computação da UFF. No entanto, o fato de estudantes negras estarem em quase todos os cursos não deve ser razão de celebrar a igualdade, pois uma análise mais detalhada reforçou os indicadores do IBGE: a presença de negras “é pequena ou residual, nos cursos socialmente mais valorizados”. O texto ainda destaca que

A definição de cursos mais valorizados pode ser feita a partir de dois critérios. O primeiro deles pode ser chamado de “mérito natural” e está associado ao modo como certas carreiras são percebidas no imaginário social: possuidoras de uma função intrinsecamente relevante e merecedoras de melhores condições de trabalho e assalariamento. Por esse critério, pelo menos três cursos devem ser destacados: Medicina, Direito e Engenharias. (GÓIS,2008, p.746).

Contudo, temos também o artigo que achei bastante pertinente para meu projeto, da intelectual negra, Dyane Brito, professora da UFRB, em que discorre o seguinte tema: **“Curso de Branco: Uma Abordagem sobre acesso e Permanência Entre Estudantes de Origem Popular nos Cursos de Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)”**. No estudo ela discute sobre a permanência das estudantes negras no ensino superior, no curso de ‘elite’, alunas que antes eram excluídas e passaram a frequentar esses cursos de prestígio social, como o curso de medicina. Busca entender o que significa ser negro em cursos prestigiados “de brancos”, mesmo se tratando da UFRB, uma universidade na maioria negra conforme os dados.

Para grande parte dos estudantes, o ingresso no ensino superior é marcado pelo estranhamento, pois se trata de um mundo distante e distinto do seu (lembramos que muitos são os primeiros da família a ingressar na universidade). Esses jovens “estrangeiros” ou outsiders, em geral vindos de um universo marcado pela escassez material e cultural, experimentam uma sensação de não pertencimento ao espaço acadêmico, para o que muito contribuem os tratamentos indiferentes, discriminatórios ou mesmo estigmatizantes dos colegas de turma, às vezes sob forma de olhares e comentários e, outras vezes, recusando a participação nos trabalhos de grupo, o que os deixam humilhados, ressentidos ou com um profundo sentimento de inferioridade. (REIS, 2016.p. 43).

4 JUSTIFICATIVA

Esse estudo será sobre as realidades estudantis. Acredito que precisamos compreender melhor essas realidades e com isso propor políticas públicas mais adequadas. No caso dos cursos de alto prestígio social, como o de medicina, por exemplo, é importante

entender como tem sido a inserção dos/as estudantes que vêm das camadas mais pobres ou dos grupos raciais discriminados socialmente como os negros e indígenas.

Assim, penso que o estudo pode contribuir para que as políticas de permanência estudantil foquem na questão econômica, na formação intelectual dos/as estudantes, mas também se preocupe com ações de caráter psicossocial, voltadas para o fortalecimento da autoestima, aumento da rede de sociabilidade etc.

Essa proposta de pesquisa me possibilitará desenvolver um estudo que muito me interessa. Porque tenho uma noção básica na área da saúde, pude ter o contato direto com os indivíduos da profissão, me aprofundi lendo alguns textos do tema da saúde, durante uma breve formação.

O projeto trará alguns assuntos importantes para academia, tendo outro olhar para a mulher negra no curso de medicina, em que elas podem e tem que estar nesses espaços, não só os corpos brancos tão visibilizados. Acredito também que posso realizar um estudo de um impacto social e progressivo, principalmente em São Francisco do Conde, uma vez que o curso de medicina será implantado na comunidade.

É preciso outro olhar nas questões temáticas das relações sociais, e como os corpos negros tem representação estética e intelectual. Como tem sido as participações em espaços acadêmicos e demais atividades proporcionadas pelo curso.

Essa análise é pertinente na academia, pois sabendo que o curso de medicina em uma universidade como a Unilab e com a proposta que ela tem, teremos que ficar atentos às questões de integração, já que o público do curso de medicina na maioria das vezes é formado por indivíduos que tem seus privilégios dentro da sociedade.

Segundo Oliveira (2010) alunos negros são forjados em uma esfera de introjeção de inferioridade e desvalorização da estética negra. É preciso focar em como aprender valores, atitudes e respeito por si em uma sociedade que a pessoa negra é tida como invisível.

5 QUADRO TEÓRICO

Nesse trabalho irei analisar a problemática desses conceitos: Identidade, Diferença, Identidade Negra e Pertencimento Racial.

Ciampa (1987) entende identidade como metamorfose, ou seja, em constante transformação, sendo o resultado provisório da intersecção entre a história da pessoa, seu contexto histórico e social e seus projetos. A identidade tem caráter dinâmico e seu movimento pressupõe uma personagem. A personagem, que, para o autor, é a vivência

peçoal de um papel previamente padronizado pela cultura, é fundamental na construção identitária: representa-se a identidade de alguém pela reificação da sua atividade em uma personagem que, por fim, acaba sendo independente da atividade. As diferentes maneiras de se estruturar as personagens resultam diferentes modos de produção identitária. Portanto, identidade é a articulação entre igualdade e diferença.

A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição - discursiva e lingüística - está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas. Não se trata, entretanto, apenas do fato de que a definição da identidade e da diferença seja objeto de disputa entre grupos sociais assimetricamente situados relativamente ao poder. Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes. (SILVA, 2000, p.4).

Identidade “A identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas lingüísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares referências civilizatórias que marcam a condição humana.” (GOMES, 2007, p. 41 apud BARROS, 2011 p.24)

Discriminação “A palavra discriminar significa “distinguir”, “diferençar”, “discernir”. A discriminação racial pode ser considerada como a prática do racismo e a efetivação do preconceito. Enquanto o racismo e o preconceito encontram-se no âmbito das doutrinas e dos julgamentos, das concepções de mundo e das crenças, a discriminação é a adoção de práticas que os efetivam.” (GOMES, 2007, p. 55 apud BARROS, 2011 p.24)

A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio

enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros (as). Será que, na escola, estamos atentos a essa questão? Será que incorporamos essa realidade de maneira séria e responsável, quando discutimos, nos processos de formação de professores (as), sobre a importância da diversidade cultural? (GOMES, 2012, p. 44)

“Apesar de não ter validade como conceito científico, raça ainda tem validade social, pois é a ideia que fundamenta o racismo existente em nossa sociedade. Raça é, portanto, um conceito classificatório”. (BARROS, 2011, p.23.)

”Pertencimento Racial, grosso modo, é a consciência de que a pessoa pertence a uma raça, sendo essa a sua condição de ser e de estar no mundo. Agora, aos braços, não se atribui a referência de pertencimento racial, posto esse grupo encontrar-se no suposto lugar por eles próprios atributos e fortemente defendido, de supremacia racial. A esse grupo, “superior”, não se atribui a categorização “raça”. Essa terminologia refere-se ao grupo considerado “inferior”. Portanto, raça, que o movimento negro atribui uma leitura político-social, passou ao longo da história da humanidade a ser uma referência aos povos considerados inferiores, quer seja os negros, os indígenas ou qualquer outro que se diferencie do universal branco”. (BARROS, 2011, p.6.)

6 METODOLOGIA

A pesquisa a ser realizada é de caráter qualitativo com o intuito de observar e analisar um grupo das estudantes. Para alcançar as subjetividades da construção identitária das estudantes, bem como, tentar compreender como o pertencimento racial foi mobilizado pretendo usar diversos recursos metodológicos do campo qualitativo como entrevistas semiestruturadas, observação participante, análise de imagens sobre as estudantes tanto aquelas produzidas por elas mesmas tanto imagens veiculadas nas redes sociais e mídia eletrônica em geral. Pretendo analisar também informações sobre o próprio curso que esteja público, por exemplo, o censo do curso de medicina no Recôncavo Baiano, região marcadamente negra.

Segundo Moreira (2012, p.52), a observação participante é conceituada sendo como “uma estratégia de campo que combina ao mesmo tempo a participação ativa com os sujeitos, a observação intensiva em ambientes naturais, entrevistas abertas informais e análises documentais”.

Ainda segundo Moreira, o principal produto dessa observação participante é o que se conhece por relato etnográfico, entende-se que “relatos detalhados do que acontece no dia-a-dia das vidas dos sujeitos e é derivado das notas de campo tomadas pelo pesquisador” (MOREIRA, 2012,p.52). Logo, pretendo anotar toda a experiência que eu tiver junto às estudantes negras do curso de medicina da UFRB, pois acredito que numa análise qualitativa precisamos ficar atentas para os simples acontecimentos e reflexões que nossos observados nos oportunizem.

Um fator importante para ter acesso aos dados é a proximidade com as estudantes. Acredito que o fato de eu ter alguma familiaridade com o tema da saúde e de ser negra e jovem, possa provocar algum tipo de empatia que favoreça a minha investigação.

Como o estudo que proponho pretende articular a inserção de jovens negras em um curso de alto prestígio social e identidade racial das mesmas, compreendo que analisar algumas imagens dessas jovens seja de grande importância.

Falar em corpo nos remete, inevitavelmente, aos padrões de beleza. É fato que cada grupo cultural define a beleza à sua própria maneira, e que “o belo é subjetivo e se fixa no olho do contemplador” (MUNANGA, 1988, p. 7).

Acredito que ao analisar e até mesmo produzir algumas imagens fotográficas das estudantes, mediante consentimento das mesmas, fazendo uma leitura do espaço através de conhecimentos prévios. Segundo Rodrigues (1986, p. 159), o corpo expressa metaforicamente os princípios estruturais da vida coletiva. Há no organismo forças controladas e forças que ignoram o controle social e o ameaçam. Assim, o corpo pode simbolizar aquilo que uma sociedade deseja ser, assim como o que se deseja negar. Portanto,

Considerar a imagem como uma mensagem visual composta de diversos tipos de signos equivale, como já dissemos, a considerá-la como uma linguagem e, portanto, como uma ferramenta de expressão e comunicação. Seja ela expressiva ou comunicativa, é possível admitir que uma imagem sempre constitui uma mensagem para o outro, mesmo quando esse outro somos nós mesmos. Por isso, uma das precauções necessárias para compreender da melhor forma possível uma mensagem visual é buscar para quem ela foi produzida. (JOLY, 1996, p.55).

Destaco que pretendo entrevistar a vice-diretora do Centro de Ciências da Saúde (CCS) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, a intelectual negra, Vânia Alves, para saber de suas vivências no espaço institucional.

REFERÊNCIAS

- BANCARIO RIOS. **Mulheres Negras Enfrentam Discriminação no Mercado de Trabalho**. Rio de Janeiro Disponível em: <<http://www.bancariosrio.org.br/bkp/2013/ultimas-noticias/item/32163-mulheres-negras-enfrentam-discriminacao-no-mercado-de-trabalho>>. Acesso em 09 de out. 2017.
- BARROS, Zelinda (org.) **Educação e Relações Étnico-Raciais**. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Salvador: Centro de Estudos Afro Orientais, 2011. Disponível em http://209.177.156.169/libreria_cm/archivos/pdf_256.pdf
- BÔSCO, J. **Quando a raça conta**: Um estudo de diferenças entre mulheres brancas e negras no acesso e permanência no ensino superior. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/381/38114361002/>> Acesso em 03 de Nov. 2017.
- FARIA, Ederson & SOUZA, Vera Lúcia T. **Sobre o conceito de identidade**: apropriação em estudo de formação de professores.2011. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v15n1/04.pdf>> Acesso em 05 de out. 2017.
- GOMES, Nilma L.. Cultura negra e educação: **Revista Brasileira de Educação**, Março 2013.
- GOMES, Nilma L. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil**: Uma breve discussão. Disponível em: < <http://acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Alguns-terminos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>> Acesso em : 10 de out. 2017.
- JULIO, Ana Luiza. Por uma visão psicossocial da auto estima de negros e negras. **Protestantismo em revista**, São Leopoldo, RS. v.24, jan-Abr. 2011.
- MARCONDES, Mariana M.; PINHEIRO, L. S.; QUEIROZ, C. M.; A. C. Querino; VALVERDE, D. (Org.) . **Dossiê mulheres negras**: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. 1a. ed. Brasília: IPEA, 2013.
- REIS, Dayane. Brito. **Artigo**: Políticas Públicas de acesso a permanência da população negra no ensino superior. Um debate em curso cadernos ampae,v.8,p.XIX .2009.
- REIS, Dayane. Brito. **Curso de Branco**: Uma abordagem sobre o acesso e a permanência de estudantes de origem popular nos cursos de saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). p.35-36-43. 2016.
- REIS, Dyane. Brito. **Negros/a,eu?**: Representações sociais, correntes, gritos, e o refúgio da cor histórias, sociocultural e políticas dos/ os alunos/ os negros.
- SILVA, Tomaz T. **Identidade e Diferença**: A perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SILVA, Tomaz T **A produção da Identidade e da Diferença**. Disponível em :
<https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/43988485/A_producao_social_da_identidade_e_da_diferenca_-_Tomaz_Tadeu_da_Silva.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1513388445&Signature=qUf43MGYjcXZ5vtNcvvh9DTypAU%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DA_producao_social_da_identidade_e_da_dif.pdf >
Acesso em: 12 de set. 2017.

SOTERO, E. C.. Transformações no Ensino Superior Brasileiro: algumas implicações para os diferentes grupos de cor e sexo. In: Mariana Mazzini Marcondes; Luana Pinheiro; Cristina Queiroz; Ana Carolina Querino; Danielle Valverde. (Org.). **Dossiê Mulheres Negras**: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. 1ed. Brasília: IPEA, 2013, v. 1, p. 35-52.

ANEXOS

Figura 1 - Centro de Ciências da Saúde – UFRB – Santo Antônio de Jesus



Figura 2 - Fabiola Dantas, Estudante negra do curso de Medicina da UFRB

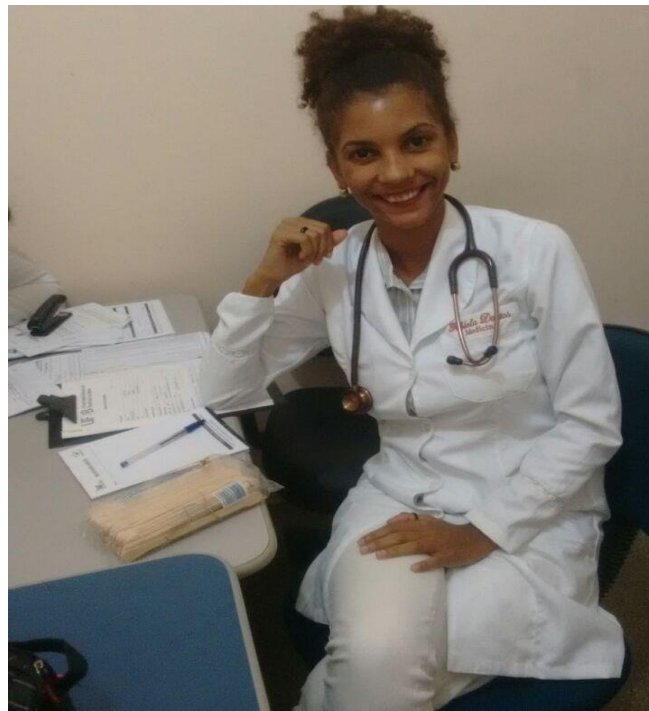


Figura 3 - Estudantes Negros da UFRB, do curso de Medicina em Santo Antônio de Jesus CCS, em aula de campo

